

5 GESTOS DESESUQUECIDOS

Ao reino das águas escuras.

“Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo”

(Stela do Patrocínio)¹

SOBRE AS MÃOS DE MINHA AVÓ
ESCREVI PALAVRAS
PARA LIVRAR-NOS DO MAL

FIRMAMENTO
FUNDAMENTO
FORJA

Espremi os olhos na hora do parto, mas era ela mesma sentada ali, sapatilha Moleca e calça branca, camisa branca de botão e o xale vermelho de lã que ela mesma havia tecido. O cabelo preto preso com fivela e os óculos multifocais. Era ela ali tangendo a abertura da minha bacia, regendo as fissuras abertas em meu corpo para trazer à tona do mundo a criança sua bisneta. Rita Maria da Silva, que seu nome seja dito em voz alta.

::

Março de 2020

Com o corpo submerso no Tempo hoje entendo porque as mãos de minha avó viviam molhadas. Para assentar o couro da vida é preciso tempo e liquidez, plasticidade e firmeza de quem se segura em arame farpado pra não cair no abismo do mundo. Minha avó vivia com as mãos molhadas. A umidade de suas mãos carregavam o rastro do tempo que se esticava como roupas infindas no varal. Às vezes essas mãos vinham passear nos meu cabelos, dizendo da comida sendo preparada, da galinha degolada com afeto, do balde com água e cloro para limpar as casas, do sabão da roupa sendo lavada, do cuidado com os cães, das



mãos justapostas em reza rogando que a miséria não mais ataque, do dedo mínimo da mão direita quebrado e nunca consertado pois o trabalho rugia alto e feroz. Minha avó vivia com as mãos molhadas e dedos rachados. Mas as unhas feitas num rosa cor de areia. Eu sabia ler as fissuras de sua pele. Eram como um código braile que só nós duas poderíamos decifrar. Com as mãos molhadas era difícil para ela pegar nos papéis. Daí começou a ler cedo, entre 03h e 04h da manhã, da folha de orações da igreja à Espinosa. Escrevia em segredo palavras de livramento. Recolho com minhas mãos úmidas essas palavras molhadas para que não se percam na segura do esquecimento.

::

ANATOMIA AFETIVA

O cheiro da morte ficou nas minhas mãos. Extraindo os restos de carne e gordura dessa pele, raspando o couro que permanecerá no tempo enquanto os líquidos mornos arrefecem na terra fria.

DAÍ PERGUNTEI PARA AQUELE DUPLO:

- EI, QUER FAZER UM CADÁVER ESQUISITO COMIGO?

A partir de corpos vivos, autopsiados e refeitos em corte e sutura.

Desvestir a própria pele e acarinhar cada desenho de veia. Em cada veia uma vela de embarcação levando ao centro do límbico, para dentro dos portais da cor. Saber de cor.

Por dentro. Dentro escuro puro breu. Tudo é. Se prestar atenção verá vermelho, bronzes e dourados do pulso vivo dessa encarnação. Quando desembarcar que cor terá?

Me colocaram aqui não pedi mas também não salto que tenho teimosia impregnada nos ossos. Por dentro os ossos são negros. Matéria dura e medula. Modulando vozes de templos passados.

Desesquecer de um encarnamento que é pura matéria e puro elemento. Cada matéria tem seu elemento



de transmutação em ritmos que lhes são próprios. Tem o tempo da água (canao sentada no Tempo), o tempo da terra (atraca e encontra veio para pousar), tem o tempo do ar (o movimento de respirar as coisas, onde se criam as bolhas de pensação) e tem o tempo do fogo (onde principia e finda; para conceber, cozer e destruir se preciso for).

Deito no chão de terra úmida. Sinto as matérias orgânicas caminhando pequenamente pelos pelos. Vegetações rasteiras crescendo se aninham em meu corpo, criam casas, me torno cidadedascoisaspequenasdaterra. O vento vem depositando camadas sobre eu-cidade: areia, poeira, terra, fios de cabelos que rolam emaranhados, folhas secas, pólen, fragmentos da saliva de alguém que sussurrou no meio da mata, vestígios de uma visagem, sementes de novos habitantes, cinzas de um fogo apagado, cantos assoviados para desacordar. Me habitam serpentes de muitos tamanhos. Deslizam por meus istmos transitando de um continente a outro. Dormem nas reentrâncias, das mais óbvias às zonas mais negligenciadas. Esse corpo deitado é um território movente e a consciência uma paragem que flutua a dois centímetros do piso. No pulsar de uma terra desejante a lava explode dentro, silenciosamente abre uma fissura por onde agora posso me enxergar. Tem um tempo do ver pautado pelas temperaturas: o resfriamento de desejos flamejantes que solidificam e criam outros estratos. Solos vulcânicos criam negros espelhos vítreos.

Autópsia. Apenas pode ser um movimento autônomo e tectônico de perceber quais elementos se aplicam a quais matérias dentro de um corpo-habitação-território e se invoca num chamamento reverso ao olho necróptico.

::

AS MAIORES MÃOS DO MUNDO

Era uma vez uma mulher gigante que tinha a cor da terra iluminada. Salpicada de pontos pela sua pele-encosta carregava dobras e fendas onde guardava sussuros. Morava numa casa pequena, a entrada estreita dos anos 70 com um pequeno vitrô de adinkras por onde falava quando não convinha abrir a porta. A cozinha era o primeiro cômodo, com o armário de fórmica azul onde guardava os copos (diga-se de passagem que tinha os copos mais bonitos onde tomava café e chá preto), os pratos, suas pequenas louças e talheres. Geladeira, fogão, pia, tudo pequeno e organizado. A sala era a mesa com duas ou três cadeiras servindo para as refeições e para receber as visitas. O quarto era um templo que se abria em tons escuros. Imagens de Cristo, o rosário de lágrimas de nossa senhora, as fivelas de cabelo que prendiam seus fios quase sempre cinzas e brancos, lisos e finos, óleo de massagem para as pernas com cheiro de cânfora, a folhinha indicando os me-





ses com imagens de filhotes em estúdio, a cama com a colcha esticada, a janela aberta dando para o quintal. A casa tinha cheiro de mastruz, arruda, capim limão, do mingau das crianças que ela cuidava. No bairro e na família era comum solicitar seus cuidados para as crianças enquanto mães e pais trabalhavam. Ela que nunca se casara e nunca gerara filhos era a grande Madrinha de todas as vidas que ajudou a assentar no mundo com suas mãos, as maiores do mundo. Tinha um cheiro gostoso, como uma mistura de ervas e fogo. Quando enchia as mãos com água, abria mais uma nascente no mundo. Eram mãos que falavam nos silêncios das rezas dela. O nome dela era Maria Edwirges dos Santos e se encantou no dia 6, uma segunda-feira desse julho de 2020, aos 90 anos. Ô Madrinha Duvige, que a dona Rita e a tia Jandira estejam acolhendo a senhora serenamente nesse tempo infinito onde agora se sentam de mãos dadas. Infinitas maiores mãos do mundo.

::

FRAGMENTOS HIDROGRÁFICOS²

Interstícios da enchente

(...) são feitiços do verbo PARTO ORIENTE-me pelas águas turvas de folhagens densas o som é delgado como varetas de pipa é grande a envergadura para que seja resiliência nadar entre as águas de algas emaranhadas como os cabelos da Yara cabelos verdes e pele escamada furta-cor mil-homens é a folha só o sumo das folhas os galhos queimam estalando lenha verde faz fumaçar sinais de fogo para dizer ao Povo Vento as ventanias que sopram por cá ao norte e ao leste PARTO ORIENTE reboso de onde me dependuro numa corrente circular de outras que beiram o abismo SÓ COMER E SÓ FALAR AQUILO QUE CABE NA BOCA (...)

::

Janeiro 2019: entre santos (Paulo e Luís)

Era terminar um rito de passagem pela aquisição de títulos de nobreza para então habitar essas ruínas assombradas de São Luís. E era um desejo de ser cavalo. Mas eu não parei de me as-

sombrar com a morte. Mas não parei de mergulhar em profundidades abissais. E nesses mergulhos, o movimento de afastar-se da superfície não é tão evidente assim.

É antes de tudo um planeta em contra(di)ção. Contrair, expulsar, dequitar.

Duas vezes a ação de voltar: a re-volta. Três vezes se bate na madeira para que o mal não pegue. Mãe pragueja e fala alto. Sabe ser silente também. Sabidos sabiás assoviam. Aquele mato que faz remédio para a cabeça dos rins. A folha que faz banho cheiroso. A casca que ferve e limpa das entranhas o sal de pedra, a mágoa, o embuste.

Não contar e ainda assim contar.

Eu contava os dias e enumerava semanas e contava as gotas de suor do rosto no calor úmido e de corpo cheio. Precipitações.

::

2017 / 2018: nos inícios da maré cheia (dentro)

(...) somos o peso dos ossos na carne nossos ossos nas nossas carnes água meu corpo é feito de água não sei como não escorre pela terra eu era feita de pedra areia e tijolo agora sou água e sal uma medida de ph e densidade hoje foi mais brutal e tive medo de me desconhecer no espelho eu era só um vulto agora raiz e espasmos (...)

(...) a coisa mais velha do mundo em paridade

com as coisas que se formam no universo pó de estrelas restos de planetas implodidos para criar corpo forma densidade ossatura líquido e viscosidades espanto e choro incontido volteias as voltas na margem do útero expandido marsupial no sonho onde a comunicação é por extenso extensa via láctea lactante bicos prontos para o jorro é possível o gozo a partir de cordas que envolvem o corpo de dentro e de fora poroso poço posso entremeados de novembro germinar para num agosto mais espesso expandir telúrica (...)

Raposa baleia serpente-que-devora-outras-serpentes corpo celeste cadela cavalo marinho boto vaca réptil mamífero mamífero marinho corpo cabaça pedaço de mundo núcleo de esfera fera bruta selvagem animal não doméstico rebelião de seres embarcação voadeira biana bote canoa afronta nossa vida é uma afronta planta de raízes móveis eles que pensam que as árvores não caminham raiz raiz maiz Pacha que me guia abre expande torce estala a bacia estala como galhos de mangue que conversam entre si sou planta de manguezal prenhe de vidas e me julgavam morto eu manguezal urbano cheio de lixo me regenerarei junto aos outros mangues (...)

2017 / 2018: líquidos entornados entorno (da



bacia) e os auspícios das marés baixas (conta gotas de revés: des-encher)

(...) o suor me escorre da pele o corpo sabe e a razão tenta esconder os avisos pelos sonhos o sono enviesado a encantaria correndo léguas teu corpo diz “não quero esperar” eu digo “vou já” pela manhã madrugada dia uma primeira tempestade te anuncia te grita das águas que invadem o quarto pela fresta das janelas ser de água e luz trabalho teu parto como ebó e gira corpo de barravento pra te proteger do sereno do mundo corre dia não enxergo mais as coisas apago a luz da baía que me é designada me apago desse mundo o que vejo são vultos luzes e minha avó sentada na cadeira defronte a nós rebolar uivar andar de quatro redonda circular o espaço quarto crescente em qualquer lugar é possível ser selvagem EM QUALQUER LUGAR É POSSÍVEL SER SELVAGEM quem vem comigo são as ayabás as amazonas tapajós guajajaras ê a caboclada nos examinam dedos na vagina dilatação 4 5 6 7 8 mijar de quatro na cama o cheiro de buceta domina todo o ambiente as batidas do teu coração³ forte como eco espectro tem marcas indeléveis e invisíveis que só nossos corpos habitarão (...)

(...) uma desapareição às vezes é preciso desaparecer desapagar para dar espaço para nada ser é como um tipo de reencarnação e habi-

tar esse novo corpo velho desusado era um que virou dois que era dois em um que era o desacreditar que era o crescente que virou cheia até explodir quando o dois que era um resolveu ser um fora daí acreditar e seguir acreditando são desesperos condensados no meio da felicidade em volta dela por onde não sabemos ou não queremos ver há traumas e colapsos há desamores e coisas arrancadas deixando raízes fraturadas há uma carência absurda (...) acredito no revide a solidão é estruturante na ma-trans-ternidade

Hoje me sento para conversar com o Tempo é tempo de perceber as rotações torcer para dilatar expulsões contorcer os ritmos é num aboio mais grave [] é o caminho sentar-se diante do tempo é observar o assentamento das almas no espaço de vida as palavras se afogam nos fluidos que vertem correntes elétricas que desaguam pelo corpo ESTA É UMA FÁBULA PERINATAL é pelas bacias que posso falar nas vozes do tempo pela minha bacia suas vozes no tempo dobra e mais uma vez e outra vez e outra vez diz-torce a violência divina pegam fogo as matrizes para que não haja mais cópias asas finas que dobram as contagens mil cópias quebradas e os dedos estilhaçados pela própria boca foram dois dias de banhos []

agora chove depois de tanto tempo sem pingar do céu PRECIPITAÇÕES não temer o erro tomei as pancadas da primeira chuva de lava 15 de outubro

::

2018: escrever com os olhos(...)

Para virar a festa para parar os relógios com os pés. Em velas o corpo se esconde atroz. O corpo não é são. São corpos e nenhum são. São elas Paulo e Luís cada cidade em sua ilha e um rir de janeiro entremeios entranhecido. É um desencontro um descompasso os ponteiros tropeçam e o encontro se esquiva. Se perde nos escombros da cidadeassombro. As sobras as sombras e um desdizer constante.

Franze as sobrancelhas junta as pálpebras úmidas e os cílios podem agora molhar sem demora. A seguir a seguir... E uma após a outra pinga gota grossa. É chuva. Sobe o cheiro de mofo; ideias velhas vazias. Juntei meus olhos e derramei no fogo. Pague meus honorários e desvie das ratazanas na calçada. Cuidado: eu ainda existo? Ainda... anda fala e ouve vozes. É pela boca que reconhece as coisas do mundo. Boca vazia sem dentes e uma língua que dança ensaiando palavrório. Há um cansaço inabalável em cada olheira. É muita água.

Enquanto des- espero a pia continua cheia de

louças sujas de ontem, as roupas não secam no varal. Três lâmpadas esperam ser trocadas, as contas aguardam a paga, os panos de chão fazem aniversário no balde com água sanitária, coisas amontoadas na fila de um destino mais justo. Somos essas coisas amontoadas esperando uma justiça que não vem. Des- esperando. As mães fazem isso... Nos des- esperam enquanto dançamos frenéticos aos ritmos etéreos do som da rua. Minha mãe, a sua mãe, eu-mãe. Puta Madre. A carta de número 22 sobre a mesa, Heyokah dançando a vida e a morte. Eu-mãe nascido do morto eu-filha.

O invisível. Prudência.

Uma lacraia gigante com patas de elefante e ferrões de arraia faz sua coreografia peçonhenta no chão do banheiro. Água quente para mudar de cor. Num braço carrego uma criança que ri na mão oposta três serpentes vivas. Meu semblante é soberano olheiras púrpura. Os dedos do pé empurram o chão até o inferno. Estou em pé um seio mais cheio que o outro. O corpo repleto de algas cabeça exposta ao vento. Silêncio. Uma rajada de pedras.

Continuo em pé, a criança crescida ainda ri, serpentes em riste. Vou queimar o sol com meus olhos. Esse cansaço não me abala.

PRODUZIR SOM DO SILÊNCIO
PRODUZIR IMAGENS DO ESCURO

::

Janeiro 2019: São Paulo/SP

(...) no delírio da carniça. Aqui tem esgoto descendo a rua junto com nossos passos. Águas envenenadas de abandono, impossível negar que vim daqui. Os rios pesam toneladas para além e correm como uma superfície densa de metais, óleo diesel, trilhos, chumbo e animais mortos: Pinheiros, Tietê, Pirajussara, os córregos na beira das casas da beira. Pra trabalhar às quatro da manhã todos os dias minha avó atravessava uma pinguela nas ruas sem asfalto. Por baixo corriam águas verde lodo com cabeças de boneca e outros membros desconhecidos em decomposição. Nas férias da escola eu ia com ela. São Paulo. O esgoto a céu aberto onde nasci. Periferia sul, Jardim Santo Antônio, Capão Redondo, Grajaú. Eu vim daqui.

Agora que a buceta está destampada minha boca pode falar. Eu falo.

Esperar e des esperar. A placenta o coágulo o resto de parto. Escorre o sangue derrete a cara desfigurada da dor dos movimentos para coroar e expulsar a nobreza ancestral que sai da caverna da montanha. O tempo murcha o corpo que pari esse corpo não para não peça que eu pare. Nas pentecostais neonazi mi-

litares eles rezam para suas armas suas pólvoras suas bíblias com cheiro de morte matada. Aqui no útero degenerado, na buceta que fala, na cria insurgente e inviolável, brotamos do nada. Somos parentes da água e da terra, viemos da lama e reconhecemos no raio e no trovão o brilho de nossas vozes. Nós falamos no sotaque das plantas que curam feridas do açoite e sequelas ancestrais. Também para dar de beber aos sinhozinhos e sinhás como o feitiço que nos libertará. É no cuidado... Nós sabemos o bem e o mal que faz cada coisa, o que se vela e o que é velado. É em passos miúdos que se segue adiante. Que as águas enferrujem seus metais. O medo não nos abala.

::



PRODUIZIR SOM DO
SILÊN CIO
PRODUIZIR IMA
GENS DO ES CURO

O silêncio era um estalo que deixava a gente surdo. Brincadeira de desmaiar. Te-to preto.

Jota, você jogou no vento uma vez se o silêncio era um unísono. Eu tive pensando muito nisso. Acho que o silêncio poder ser unísono, mas quase sempre não.

“O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio”

(Stela do Patrocínio)

Tecnologias da comunicação:

Hoje eu pensei em três pessoas e elas se manifestaram .

Minha avó conversa comigo nos sonhos.

Vejo passado presente e futuro quando reviro os olhos pra trás.

O vento que bate em setembro trançando as pernas.

TUDO ISSO É ANUNCIAÇÃO

Casear a vida: abrir buracos e suturar as bordas para caber.

Abotoo-me.

Notas

- (1) PATROCÍNIO, Stela do. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome. Org. Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.
- (2) Trechos do texto “Hidrografias ou vestígios da correnteza” publicado na Revista DR-5ª Edição (2020). Disponível em: <http://revistadr.com.br/posts/hidrografias-ou-vestigios-da-correnteza/>
- (3) Os corações auscultados na sala de parto são uma colagem, looping, um extenso delay, onde a vida de um atravessa o outro numa sinfonia líquida, espectrográfica. São mil batidas por segundo e nós vemos o nascer e o morrer em gotas e coisas reticuladas. Golpe de vista. Penumbra líquida.

5 gestos desesquecidos é um exercício de cavucamento. Juntando pequenos textos escritos entre 2017-2020 e fotografias onde aparecemos eu, Txai (minhe filhe), minha avó Rita, a madrinha Edwirges, raízes de diferentes espécies e um xale de lã vermelho herança de Rita, procuro tecer uma conversa no tempo entre gerações que se manifestam nas nossas peles e rastros dos encontros invisíveis.

Elton Panamby | texto, fotos, diagramação, encadernação
Paulo Tadeu da Silva | foto (mãos de Rita com urucum)
Txai Panamby | fotos (Elton com xale vermelho de Rita)
Filipe Espindola | fotos (Elton e Txai na luz)

Dedico esta cabaça aberta à memória de tia Jandira, primo Euzébio e as mais de 300mil vidas ceifadas pela pandemia unida ao desgoverno brasileiro. Que este livro possa ser acalanto àquelas que estão à deriva nessa embarcação.



Elton Panamby é artista, desensinadore, mãe/mamão, trans, pretu e uma multidão silenciosa. Desenvolve trabalhos em múltiplas linguagens ao longo de 12 anos dedicados à pesquisa e criação a partir de limites psicofísicos atrelados a práticas de modificação corporal em experiências rituais, aparições, vultos e visagens. Vem nessa esteira desde a graduação em Artes do Corpo – PUCSP (2009) até o doutorado em Artes concluído em 2017 na UERJ. Segue suturando na vida após a pós. Passou a gerar sonoridades como prática poética no/do escuro, principalmente nos últimos 5 anos. É atravessadu por questões raciais e de gênero que transbordam no movimento vivo no mundo, de criar e fazer-se resistência.

(foto: Ramúsy Brasil)

Publicação independente | Selo Editorial Acabamos
Versão digital
www.panamby.art
cabacapreta@gmail.com

SLZ . MA
2021

